

DOI: 10.21204/2359-375X/

Macho, Corajoso e Bravo: a construção de sentidos sobre o futebol campeão da América, pelo jornalismo esportivo no Rio Grande do Sul

Macho, Bold and Brave: the construction of meanings about the America's winner football for sports journalism in Rio Grande do Sul

Gustavo Andrada BANDEIRA¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Sabrina FRANZONI²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo

Neste trabalho pretendemos discutir como a mídia impressa narrou as quatro conquistas da Libertadores da América dos clubes de futebol de Porto Alegre, observando, ainda, quais características foram exaltadas no momento de cada uma das vitórias. O objetivo é o mapeamento das representações do futebol dos dois maiores times do Rio Grande do Sul, que circularam nos principais periódicos do estado. Para tanto, *como método de identificação* de sentidos construídos pela mídia sobre o futebol gaúcho, nos aproximamos de uma análise cultural. Como material empírico selecionamos quatro edições dos jornais *Correio do Povo* e do jornal *Zero Hora*, dos dias posteriores aos títulos conquistados por Grêmio e Internacional. Finalmente, na representação midiática foram percebidas características singularizantes que identificam o futebol gaúcho, campeão da América, com os elementos viris de força, coragem, garra e bravura.

Palavras-chave

Imprensa esportiva; Futebol do Rio Grande do Sul; Representação; Libertadores da América.

Abstract

In this work we intend to discuss how the printed media narrated the four Libertadores da America's achievements of Porto Alegre football clubs, observing, also, which qualities were exalted at the time of each victory. The mainly goal is to map the football representations of both biggest teams of Rio Grande do Sul that were published in the main periodicals of the state. Therefore, as a method of identifying the meanings constructed by the media about the gaúcho football, we approach to cultural analysis. As empirical material, we selected four editions of *Correio do Povo* and *Zero Hora* newspapers the day after the titles won by Grêmio and Internacional. Ultimately, at the mediatic representation, we perceived unique characteristics that identify the gaúcho football, champion of America, with the manly elements of strength, courage, boldness and bravery.

Keywords

Sports press; Rio Grande do Sul football; Representation; Libertadores da América.

RECEBIDO EM 29 DE MARÇO DE 2017
ACEITO EM 30 DE MAIO DE 2017

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Jornalismo Esportivo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: gustavoabandeira@yahoo.com.br

² JORNALISTA. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Sociologia Política e Especialista em Estudos do Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: franzoni@unisinis.br

 O objetivo deste artigo é apontar as representações sobre o futebol praticado no Rio Grande do Sul pela mídia impressa, a partir das quatro conquistas da Libertadores da América por clubes de futebol de Porto Alegre. Para isso, mapeamos quais as características foram exaltadas no momento de cada uma das vitórias. Observando, ainda, como essas representações se aproximaram ou se afastaram dos valores exaltados na construção das narrativas sobre o Rio Grande do Sul e seu tipo ideal específico, a figura do gaúcho.

Ao longo do século XX o futebol constituiu-se em um importante marcador da cultura brasileira, podendo ser entendido como um dos símbolos da identidade nacional. Não é possível imaginar, e muito menos concordar, que essas produções identitárias aconteçam em uma única via, condicionando todos os brasileiros a seguirem ou a apropriarem-se de uma determinada identidade nacional. Falar sobre o futebol no Brasil inclui, também, a construção de reconhecimentos e afastamentos sobre questões clubísticas locais, regionais e nacionais, de ordem religiosa, raciais e de classe.

Nesse contexto de construção de múltiplas identidades em torno da noção de futebol, a imprensa esportiva ocupa um lugar de protagonismo. Quando pensamos no futebol brasileiro, o nome de Mário Filho aparece destacado na “fundação do *mito* do futebol brasileiro – alegre, malemolente, vencedor e miscigenado” (COELHO, 2006, p. 239), promovendo e ou iniciando a apropriação do futebol como elemento singular nas representações sobre o Brasil e os brasileiros. A grande maioria da produção teórica que promove a aproximação entre futebol, imprensa e identidade nacional foram elaboradas a partir das representações da seleção brasileira de futebol masculino.

Outro ponto que merece ser destacado, é o de como pensar na construção de uma identidade regional – no caso deste trabalho, a gaúcha – se não existem selecionados regionais que ocupem um espaço considerado como unificador ou catalisador das representações sociais do futebol? Na imprensa regional são os clubes que acabam ocupando esse espaço identitário, delegado à seleção brasileira no cenário nacional.

A seguir tecemos algumas considerações teóricas a respeito da imprensa esportiva, para posteriormente fazermos a análise dos dados.

Imprensa esportiva e o futebol de espetáculo

Damo (2006) entende que o futebol de espetáculo se divide em quatro categorias de agentes: os profissionais, os torcedores, os dirigentes e os mediadores especializados. Os profissionais são os jogadores, treinadores e preparadores envolvidos com os jogos. Os torcedores se constituem no público com variados graus de interesse e envolvimento durante as partidas. Os dirigentes podem ser profissionais ou amadores filiados aos clubes ou as federações. Os mediadores especializados são profissionais que trabalham na espetacularização do futebol e produzem narrativas sobre os eventos futebolísticos. Esses mediadores são responsáveis por grande parte dos espaços jornalísticos na televisão, no rádio, nas redes sociais - e nos jornais impressos. Eles podem ser profissionais da comunicação ou ex-atletas e ex-dirigentes que teriam a função de “explicar” os eventos para o público que, de alguma forma, não seria “apto” a lê-los sozinho.

No Brasil, o início da relação entre imprensa e esportes não aconteceu única e exclusivamente a partir da resposta dos mediadores aos eventos futebolísticos. A imprensa escrita foi protagonista no desenvolvimento do futebol como objeto de consumo e registrava aumento de vendas quando determinados periódicos aumentavam o espaço dos cronistas esportivos (BOTELHO, 2006). No país, as profissionalizações do futebol e do jornalismo esportivo caminharam juntas, “o enriquecimento do futebol e sua profissionalização estão diretamente relacionados ao fortalecimento da imprensa esportiva no Brasil” (MARQUES, 2003, p. 4).

Assim como o jornalismo esportivo ocupou e ocupa um lugar de destaque na produção e circulação simbólica sobre o esporte e sobre o futebol, ele permite, também, ampliar algumas problematizações de outras áreas do jornalismo. Como lembra Miquel Rodrigo Alsina “o discurso da mídia não é somente informativo, não pretende só transmitir o saber, mas também pretende fazer sentir” (2009, p. 49). O jornalismo esportivo pretende fazer sentir. Eventualmente, essa relação pode aparecer antes mesmo da transmissão da informação, de um determinado saber ou do debate de ideias. Essa característica, inclusive, poderia ser uma das explicações para a série de restrições empregadas aos jornalistas esportivos por jornalistas de outras áreas³.

³ BUENO (2005) argumenta que, apesar do espaço privilegiado na mídia, o jornalismo esportivo está afastado de uma experiência madura do “fazer jornalístico” e da excelência profissional.

O próprio esporte poderá preencher requisitos que se associam a diferentes valores midiáticos e jornalísticos. O esporte trabalha com a imprevisibilidade do resultado, mas com a total previsibilidade de eventos com os calendários repetidos. As informações ou espetacularizações esportivas permanecem sendo um recurso utilizado pelas empresas jornalísticas para auxiliarem seus departamentos financeiros, “qualquer jornalista sabe que, quando o time local ganha, vendem-se mais jornais” (ALSINA, 2009, p. 158).

Nesse tópico, é importante assinalarmos que as coberturas de futebol e a imprensa esportiva estão entrelaçadas. A partir da década de 1970 há um foco no futebol, que passa a ser o principal esporte a ser noticiado e, inclusive, em alguns veículos: o único que tem espaço.

Representação de futebol gaúcho em um contexto de emoção

O propósito dessa investigação foi mapear como as representações de futebol gaúcho⁴ circularam nos jornais impressos após as conquistas das Libertadores da América pelos clubes de Porto Alegre. Algumas perguntas nos auxiliaram a focar o olhar: quais as representações de futebol gaúcho apareceram nos periódicos? Para a mídia quem eram os campeões: os clubes, o Estado ou o País? Que atributos foram associados ao gauchismo e a masculinidade nas narrativas sobre os campeões?

Para nos auxiliar na tentativa de responder esses questionamentos, neste exercício, tomamos a análise cultural como procedimento analítico. Segundo Maria Lúcia Wortmann, as análises culturais “assumem a incumbência de fazer incursões a diferenciadas produções/instituições culturais para nelas perceber alguns dos movimentos e das lutas, nas quais se processa, por exemplo, a atribuição de significados para determinados sujeitos, situações e questões” (2005, p. 63). Pablo Alabarces (2002) entende a análise cultural como um conjunto de interpretações e uma contínua produção a partir dos rastros dos discursos. Ele acredita, também, que o objeto de uma análise cultural é uma zona que privilegia a cultura contemporânea e tenta produzir hipóteses de interpretação dessa cultura.

Conforme Alsina, a “mídia não reflete a sociedade, mas a representa” (2009, p. 65). Para Guacira Louro, na perspectiva pós-estruturalista, a representação “tem efeitos específicos, ligados,

⁴ Cabe esclarecer que o termo futebol “gaúcho”, neste estudo, refere-se ao futebol praticado no Rio Grande do Sul, mais especificamente em sua capital, Porto Alegre.

sobretudo, à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder” (2001, p.16). No registro pós-estruturalista, a representação é sempre uma marca visível, material. Para identificar quais as representações de futebol gaúcho que circularam nos jornais, não buscamos descobrir o que os mediadores quiseram dizer ao construir uma notícia ou um comentário, mas sim, o que eles disseram nas notícias e nos comentários dos exemplares analisados. Quais as repercussões e adjetivações apareceram nesses dias de exaltação dos atletas, das torcidas, dos clubes e do futebol gaúcho.

Assim, selecionamos as edições do *Correio do Povo* (CP) nº 250, ano 88, de 29 de julho de 1983; nº 335, ano 100, de 31 de agosto de 1995; nº 321, ano 111, de 17 de agosto de 2006; nº 324, ano 115, de 19 de agosto de 2010 e as edições de *Zero Hora* (ZH) nº 6518, ano 20, de 29 de julho de 1983; nº 10970, ano 32, 3ª edição, de 31 de agosto de 1995; nº 14965, ano 43, 2ª edição, de 17 de agosto de 2006; nº 16421, ano 47, 2ª edição, de 19 de agosto de 2010, que são referentes aos quatro dias posteriores aos títulos da Libertadores da América, conquistadas por Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Sport Club Internacional. A escolha pelas vitórias se deu em função da grande valorização dessas dentro da lógica da cobertura da imprensa esportiva. Bueno (2005) entende que a imprensa valoriza apenas os vencedores, descartando os demais. Algumas derrotas poderiam não permitir a visualização da positividade desse futebol gaúcho.

O espaço futebolístico na imprensa do Rio Grande do Sul é absolutamente cotidiano. Grêmio e Internacional estão todos os dias nos jornais impressos e em boa parte deles, inclusive, na capa. Conceitualmente, porém, os eventos esportivos podem ser pensados como acontecimentos por fugirem do ordinário e da normalidade, alterando o cotidiano de seu público e da cidade em que se realizam. Alguns deles, como as finais da Libertadores da América, são mais espetaculares ou “mais acontecimentos” que os demais. Fugir ao cotidiano traz uma série de implicações nas representações culturais dos eventos. Quando fugimos de nossos comportamentos ordinários existe uma reconfiguração das hierarquias entre o permitido e o proibido. Ao investir na repercussão dos “jogos mais espetaculares” foi interessante observar que elementos foram acionados para redimensionar esses eventos.

Listamos, a seguir, em ordem cronológica, as matérias analisadas:
As marcas do campeão. CP. Antônio Goulart. p.17, 29 jul. 1983.

Meio mundo já foi. **CP.** Lasier Martins. p. 17, 29 jul. 1983.
AGORA é buscar um título em Tóquio. **CP.** p. 16, 29 jul. 1983a.
DE Espinosa a Enio. **CP.** p. 16, 29 jul. 1983b.
DE León e Tita: os bicampeões. **ZH.** 29 jul. 1983c. Suplemento Especial, p. III.
DE León não esquece a torcida. **CP.** p. 16, 29 jul. 1983d.
GRÊMIO campeão. **CP.** Capa, 29 jul. 1983e.
GRÊMIO campeão da América. **ZH.** Capa, 29 jul. 1983f.
O santo de casa fez milagre. **ZH.** p. III, 29 jul. 1983g. Suplemento especial.
Sobrou heroísmo nesta conquista. **ZH.** Contracapa, 29 jul. 1983h.
Um título conquistado com muita garra e emoção. **ZH.** p. 35, 29 jul. 1983i.
Cerejeiras em flor. **ZH.** Wianey Carlet. p. 89, 31ago. 1995. Bola Dividida.
A reconquista da América. **ZH.** p. 74, 31 ago. 1995a.
Agora o bi em Tóquio. **CP.** Hiltor Mombach. Contracapa, 31 ago. 1995a.
E bi. **CP.** Hiltor Mombach. p. 30, 31 ago. 1995b. De primeira.
DINHO aliou técnica, garra e experiência. **ZH.** p. 76, 31 ago. 1995b.
AGORA, o mundo. **CP.** Capa, 17 ago. 2006.
Caras e corações campeões. **ZH.** Moisés Mendes. p. 4, 17 ago. 2006.
Américas. **CP.** Hiltor Mombach. p. 26, 17 ago. 2006. De primeira.
Inter campeão com garra e bravura. **CP.** Carlos Corrêa. p. 27, 17 ago. 2006.
Para sempre. **ZH.** David Coimbra. p. 46, 17 ago. 2006.
A raça de Sobis. **ZH.** Daniela Peretti. p. 50, 17 ago. 2006.
América. **ZH.** Ruy Carlos Ostermann. p. 57, 17 ago. 2006.
Internacional, o dono da América. **CP.** Ilgo Wink. contracapa, 17 ago. 2006.
De novo!!! De novo!!! **CP.** Fabrício Falkowski. Contracapa, 19 ago. 2010.
A estrela Sobis. **ZH.** p. 58, 19 ago. 2010a.
O Inter se repete. **CP.** Hiltor Mombach. p. 31, 19 ago. 2010.
Guiñazu. **ZH.** Diogo Oliver. p. 57, 19 ago. 2010a. Cotação.
Suor antes da conquista da América. **CP.** Porto Alegre, p. 29, 19 ago. 2010b.
Tinga. **ZH.** Diogo Oliver. p. 57, 19 ago. 2010b. Cotação.
Tabu quebrado estrangeiro derrotado. **CP.** 19 ago. 2010c. Cad. Especial, p. 8.
Um bravo bicampeão. **ZH.** p. 55, 19 ago. 2010d.

A partir das matérias foi possível observar como as emoções de diferentes atores envolvidos nos jogos foram convocadas como lógica explicativa para a narrativa dos eventos. Na capa do CP, edição 250, de 29 de julho de 1983, o segundo tempo foi caracterizado como de Libertadores com: “emoção em cada lance” (CP, 1983e, capa). Na

narrativa cronológica da partida, no mesmo jornal, após sofrer o empate, a equipe gremista “precisou dominar a emoção, driblar a adversidade e reagir” (CP, 1983a, p. 16). Em ZH, a coragem e o heroísmo dos jogadores foram importantes para a equipe que “teve de superar seu próprio nervosismo e alguns erros” (ZH, 1983i, p. 35).

Das quatro conquistas da América, a única em que o jogo final ocorreu fora de Porto Alegre foi em 1995, quando o Grêmio conquistou o bicampeonato ao empatar contra o Atlético Nacional, em Medellín (Colômbia). O encerramento da partida, durante a madrugada, diminuiu de forma considerável a quantidade de materiais na edição do dia seguinte ao confronto. Ainda assim, ZH destacou a “dramática reconquista da América” (ZH, 1995a, p. 74). Segundo a matéria, “o futebol brilhante de um campeão se perde entre lances de nervosismo” (Ibidem). O comentarista Wianey Carlet foi definitivo ao associar os ânimos aflorados com o momento vitorioso, “A decisão foi dolorida, transbordante de sofrimento, mas alguém já disse que a felicidade está na dor, ou depois dela” (ZH, 1995, p. 89).

Em 2006, no CP, o jornalista Ilgo Wink destacava que as emoções do jogo trepidante contra o São Paulo ficariam na memória e no coração dos colorados (CP, 2006, contracapa). Em ZH, o comentarista David Coimbra definiu que a decisão foi típica de Libertadores “tensa, cheia de ocorrências, cheia de emoção” (ZH, 2006, p. 46). Os adversários da equipe do Internacional não se resumiram aos jogadores da equipe adversária. O time também precisou “superar seus próprios nervos” (Ibidem). O comentarista Ruy Carlos Ostermann destacou que “nunca houve uma decisão tão dramática [...]. Foi uma tensão só, nunca se viu coisa igual” (ZH, 2006, p. 57).

Na contracapa do CP, o jornalista Fabrício Falkowski destacou o sofrimento do bicampeonato da Libertadores, “a torcida sofreu, os jogadores sofreram. Celso Roth sofreu, todos sofreram” (CP, 2010, contracapa). Na continuação da reportagem, ele destacou que o gol marcado pelo adversário ao final do primeiro tempo foi responsável por levar “pânico” ao Beira-Rio.

Representação do futebol gaúcho

Gaúchos ou brasileiros, apagamento e/ou reconstrução? Quais dessas identidades poderiam explicar melhor as experiências dos sujeitos nascidos ou que vivem no Rio Grande do Sul? Seríamos mais regionais ou

nacionais? Um país com dimensões continentais como o Brasil e com uma história múltipla de colonização só consegue construir uma identidade ou uma história nacional se tentar apagar ou valorizar menos as representações de identidades locais ou regionais. Se algumas representações de identidades regionais se confundem com a representação da identidade brasileira, como no caso do Rio de Janeiro (especialmente da Zona Sul da capital fluminense), outras parecem entrar em certo conflito. Em determinadas construções culturais, o gaúcho pode ser lido como um tipo específico de sujeito brasileiro ou como um sujeito diferente do brasileiro, como ocorre, também, em outras regiões e estados nacionais

Na construção das representações sociais sobre o Rio Grande do Sul, o Estado acaba sendo lido de forma “unificada” e posto em uma posição particular em relação ao Brasil, que poderiam ser explicadas por suas características geográficas, sua posição estratégica, seu povoamento, sua economia, e principalmente pelas relações de disputa de poder que contribuíram na sua construção histórica. Em algumas situações o Rio Grande do Sul

é frequentemente contraposto como um todo ao resto do país, com o qual manteria uma relação especial, a ponto de ser, às vezes, chamado jocosamente por outros brasileiros de ‘esse país vizinho e irmão do Sul’. (OLIVEN, 2002, p. 163).

O futebol, que ao longo do século XX ocupou uma posição tão destacada frente à construção da identidade brasileira, não ficaria de fora dessa disputa identitária que, também, é apropriada pelos veículos de comunicação estaduais. Em 1983, no CP, Lasier Martins destacou de quem era a conquista: “Está em festa todo o futebol regional, independente das cores. O sucesso do Grêmio projeta como nunca o Rio Grande esportivo, além de despertar seu tradicional adversário” (1983, p. 17). Ainda no CP, Antônio Goulart, explanou que o Grêmio serviria de exemplo ao futebol brasileiro, “particularmente para aquele que tem caracterizado nossas últimas seleções nacionais. No fundo, o que importa não é apenas o lado estético, é também o prático, o objetivo, o simples, porém eficiente” (1983, p. 17). O próprio treinador do Grêmio, Valdir Espinosa, destacou, em Zero Hora, que a conquista beneficiaria o coletivo dos treinadores gaúchos que fariam parte “de uma escola vitoriosa” (1983g, p. III).

Ao elogiar os méritos do bicampeonato gremista em ZH, Wianey Carlet fez um elogio

a rejuvenescida torcida do Grêmio, que inspirou-se nas mais empolgadas torcidas argentinas para ensinar ao Brasil que é possível viver um mundo de honestas e saudáveis alegrias sobre o cimento insensível das arquibancadas. (1995, p. 89).

O mesmo mediador complementa sobre a conquista gremista: “recuperaram para todos nós, brasileiros, o que a nossa seleção não conseguiu na Copa América: a hegemonia continental” (Ibidem).

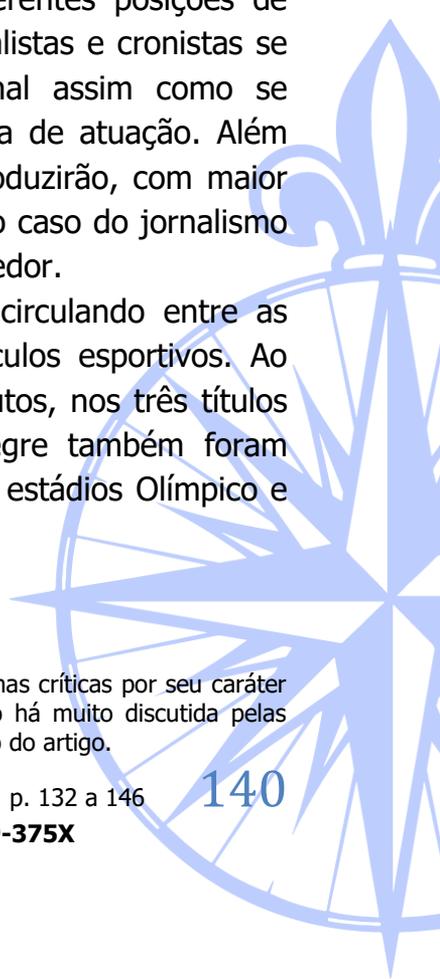
Na capa do CP, em 2006, o Internacional foi adjetivado como clube gaúcho para diferenciar-se do adversário, o também brasileiro – São Paulo (2006, capa). O clube também se somou a um seleto grupo, tornando-se “o oitavo clube brasileiro a vencer a competição continental” (Ibidem). Moisés Mendes cobriu a participação da torcida que cantava o Hino Rio-grandense. A matéria ressaltou uma frase em especial do hino “De modelo a toda terra⁵” (ZH, 2006, p. 4).

No Caderno Especial, veiculado no CP, em 2010, o Internacional derrubava um tabu de onze anos do futebol brasileiro ao ser campeão derrotando um adversário estrangeiro na final (2010c, p. 8). Hiltor Mombach, ao destacar o bicampeonato colorado, reproduziu o hino do Sport Club Internacional que em suas duas últimas linhas destaca o duplo pertencimento do clube ao Brasil e ao Rio Grande do Sul: “Vibra o Brasil inteiro com o clube do povo do Rio Grande do Sul” (2010, p. 31).

A produção da notícia é atravessada por diferentes posições de sujeito e diferentes perspectivas identitárias. Os jornalistas e cronistas se associam a uma determinada identidade profissional assim como se diferenciam de outros atores envolvidos em sua área de atuação. Além disso, ao endereçarem seus textos, os jornalistas produzirão, com maior ou menor grau de relevância, um leitor imaginado. No caso do jornalismo esportivo, provavelmente, o principal leitor seja o torcedor.

Em diferentes textos, os torcedores acabam circulando entre as posições de público e de protagonistas dos espetáculos esportivos. Ao descreverem a superação, o heroísmo e outros atributos, nos três títulos em que as partidas finais ocorreram em Porto Alegre também foram narradas as façanhas realizadas pelos torcedores nos estádios Olímpico e Beira-Rio.

⁵ O trecho destacado do hino do Rio Grande do Sul nos remete a algumas críticas por seu caráter positivista e de cunho fascista, pois trabalha com a noção de modelo há muito discutida pelas ciências sociais. Questão que aqui não iremos abordar por não ser o foco do artigo.



Para o centroavante César, no Correio do Povo, a “torcida nos ajudou muito” (1983b, p. 16). O goleiro Mazaropi seguiu a mesma linha, “agradecemos o imenso apoio desta fabulosa torcida. Prometemos o título e ele é nosso” (Ibidem). Outra matéria do CP destacava o reconhecimento dos atletas aos torcedores. Na reportagem o capitão, De León, afirmava que “foi graças justamente a essa massa que esteve aqui hoje (ontem). Eles merecem isto. Merecem este título. A torcida foi fabulosa. Sempre acreditou em nós. Sem ela não teríamos chegado lá” (1983d, p. 16). Antônio Goulart destacou que o Grêmio não ganhou apenas pelos gols dos centroavantes Caio e César, “mas também com o inestimável apoio de uma torcida que lotou o Olímpico e praticamente não silenciou nunca e fez festa na cidade madrugada afora” (1983, p. 17).

Ilgo Wink, no Correio do Povo, em 2006, destacou que

torcedores se abraçavam emocionados, em transe, saboreando aquele instante de felicidade indescritível. Todo o sofrimento da longa espera, do sacrifício, feito para jogar a decisão com o time e não ficar de fora do momento histórico. (2006, contracapa).

Carlos Corrêa registrou que o time do Internacional foi “apoiado por sua torcida do primeiro ao último minuto” (2006, p. 27).

Quando do bicampeonato do Internacional, o subtítulo da capa do Caderno de Esportes de ZH deu protagonismo aos torcedores colorados. “Com a força de uma torcida enlouquecida, o Inter, do capitão Bolívar, vence o Chivas por 3 a 2, de virada, e conquista a América pela segunda vez” (2010d, p. 55).

Na representação do tipo ideal do Rio Grande do Sul, o gaúcho, as duras tarefas enfrentadas exigiriam que esse sujeito fosse “marcado pela bravura que é exigida do homem ao lidar com as forças da natureza e a árdua vida campeira” (OLIVEN, 2002, p. 165). Outro elemento significativo na representação dos gaúchos, as memórias de guerra aparecem como protagonista para justificar uma série de entendimentos sobre esse homem. Esse “homem” não é o genérico de humanidade, mas é o homem do gênero masculino protagonista nas representações dos que vivem no Rio Grande do Sul e também dos que narram o futebol no estado. O futebol utiliza uma importante linguagem bélica, podendo ser entendido como um substituto para os impulsos direcionados ao conflito armado (BRANCO, 2006). Essa presença do caráter belicoso e viril nas narrativas futebolísticas permite que a identidade do gaúcho possa reverberar ainda mais nas representações de futebol gaúcho.

A discursividade bélica e a superação são bastante constantes e utilizadas na tentativa de produção de heróis e ídolos. Em 1983, Hugo de León declarou ao CP que “nós passamos por muitas coisas nessa Libertadores e superamos todas. Provamos realmente que somos campeões de direito e de fato. Este título é nosso. Contra tudo e contra todos” (1983d, p. 16). Renato destacava os ingredientes que permitiram ao Grêmio conquistar seu primeiro título continental: “não faltou garra e vontade” (1983b, p. 16). Antônio Goulart, no CP, caracterizou o Grêmio campeão: “os campeões se forjam mais na base da garra, do suor e do sangue do que da técnica e do jogo bonito” (1983, p. 17). O subtítulo da capa de ZH também destacava a “vitória da garra tricolor” (1983f, capa). Na contracapa, a definição era de que “o Grêmio foi valente durante os 90 minutos. Marcou primeiro, sofreu o empate, mas teve muita garra para chegar a vitória no final” (1983h, contracapa). O zagueiro uruguaio Hugo De León foi personagem destacado da conquista, especialmente porque “dentro de campo mostrou toda sua garra, liderança e força para vencer a partida” (1983c, p. III). O título da crônica da partida também destacou a principal virtude tricolor: “Um título conquistado com muita garra e emoção” (1983i, p. 35).

Hiltor Mombach, no CP, destacou os elementos que garantiram a vitória gremista na Colômbia: “com uma atuação de força e determinação, o Grêmio conquistou o bicampeonato da Libertadores” (1995a, contracapa). Para suportar as investidas do ataque adversário, as descrições não destacaram as virtudes técnicas da defesa gremista: “Angel entrou livre pelo meio e desviou na saída de Danlei, que defendeu corajosamente” (Ibidem). Na coluna De Primeira, o mesmo Mombach acrescentou outras virtudes da conquista gremista que “buscou o título com um futebol de garra, nervoso, mas acima de tudo bravo, forte” (1995b, p. 30). Em ZH, o destaque foi de que o “Grêmio suporta com valentia a pressão do Nacional” (1995a, p. 74). Outro destaque se deu em relação ao volante Dinho, autor do gol de empate da segunda partida final. A reportagem iniciou pelos desejos da direção ao contratar o jogador: “a direção [...] desejava um volante experiente, de boa técnica, corajoso e que, de sobra, ainda possuísse uma garra incomum” (1995b, p. 76). Segundo a reportagem, o jogador soube corresponder às expectativas: “A coragem apareceu sempre que o momento exigia. E a garra esteve presente em todos os jogos dos quais participou” (Ibidem).

Na final da Libertadores de 2006, o Internacional precisou, segundo narrativas midiáticas, suportar a pressão dos então campeões mundiais para garantir o título inédito (2006, capa). Alguns dos motivos para a conquista foram listados: “o Inter foi valente, raçudo e segurou o resultado” (Ibidem). Ilgo Wink destacou o apoio dado pela torcida aos “guerreiros colorados” (2006, contracapa). Na Coluna De Primeira, Hiltor Mombach fez um curioso elogio à equipe colorada: “time macho esse. Macho à gaúcha. Macho de fazer argentino morrer de inveja. Macho como honra à tradição do Rio Grande. Macho!” (2006, p. 26). Carlos Corrêa iniciou a crônica da partida afirmando que o “Inter foi bravo e destemido na batalha final da Libertadores” (2006, p. 27). A jornalista Daniela Peretti, destacou numa matéria o comportamento do único atacante colorado na partida: “na frente, apenas ele, Rafael Sobis, valente [...]. Sobraram valentia, para encarar Lugano, e arrojo para levar o time à frente” (ZH, 2006, p. 50).

O capitão colorado no bicampeonato foi o zagueiro Bolívar, chamado pelos torcedores de “general”, segundo matéria do CP (2010b, p. 29). As narrativas de superação apareceram em ZH associadas a personagens específicos e não ao time do Internacional. Rafael Sobis foi chamado de Jesus Cristo dada sua importância nas decisões, “se jogasse apenas decisões, seria Jesus Cristo, pois só Jesus Cristo salva. Nem jogava bem, mas assim como em 2006, fez o que se exige de um atacante: gol de título” (2010a, p. 58). Na cotação da partida, Diogo Oliver, exaltou Guiñazu por aguentar as dores no tornozelo, “Não fosse um guerreiro, teria sucumbido” (ZH, 2010a, p. 57). Tinga também foi descrito como “um guerreiro” (ZH, 2010b, p. 57).

A identidade gaúcha não trata de indivíduos específicos, mas sim, de sujeitos construídos pelos discursos que acabarão servindo como referência permitindo que os indivíduos se inscrevam em determinadas discursividades, inclusive hierarquizando os sujeitos.

O gaúcho [...] é uma figura emblemática que age no nível do simbólico, aglutinando ideias, valores, julgamentos, partilhados pelo conjunto de pessoas que têm nele seu referencial identitário de pertencimento regional. (MACIEL, 2002, p. 194).

Evidentemente essa construção não é unívoca e poderão aparecer situações de resistência a essa representação. Dizer, porém, que diferentes representações de “gauchismo” são produzidas no terreno cultural (e, nesse caso específico, no futebol), não implica ignorar que

essas produções possuem desigualdades importantes de legitimidade. Através das discursividades da imprensa esportiva sobre o futebol gaúcho podemos visualizar que elementos são mais valorizados em detrimento de outros, que características poderão aproximar uma determinada prática futebolística do chamado futebol gaúcho.

Considerações finais

Ao longo desse artigo procuramos discutir como a imprensa esportiva, com suas particularidades, atuou na construção de representações de futebol gaúcho a partir da repercussão midiática, das conquistas da Libertadores da América pelos clubes de Porto Alegre. Quais características foram exaltadas nos momentos de emoção, de sofrimento e de nervosismo.

Os títulos da Libertadores foram creditados a diferentes comunidades simbólicas. Em determinados momentos apenas os clubes foram campeões enquanto em outros o futebol gaúcho ou ainda o futebol brasileiro. Em 1983 o título foi do Grêmio, do futebol gaúcho e, também, do futebol brasileiro. A conquista do Internacional em 2006 esteve mais associada à entrada do clube no seletivo grupo de oito agremiações brasileiras campeãs da Libertadores. Em 1983 e 1995, o Grêmio foi utilizado por diferentes mediadores como contraponto ao futebol brasileiro.

Como observamos, na narrativa dos dois principais veículos de comunicação do Rio Grande do Sul, para serem campeões da América os clubes gaúchos não puderam dispensar a garra e a vontade contra tudo e contra todos. O Grêmio campeão em 1983 foi forjado com mais garra, sangue e suor do que da técnica e do jogo bonito. A força e a determinação levaram o Grêmio ao bicampeonato em 1995. Danrlei precisou de coragem para defender o gol gremista. Garra e bravura somaram-se aos atributos gremistas para garantir o título em terras colombianas. Para conquistar seu primeiro título em 2006, o Internacional precisou ser valente e raçudo. O time foi macho à gaúcha, como mandam as tradições do Rio Grande. Em 2010, o capitão e general Bolívar somou-se ao salvador Rafael Sobis e aos guerreiros Guiñazu e Tinga para conquistar novamente a América com garra.

Ao pensarmos nas discursividades sobre o futebol gaúcho na imprensa esportiva chama a atenção como as virtudes de força, bravura e valentia são predominantes ao contrário de técnica e habilidade. Grêmio e

Internacional conquistaram as Libertadores com bons times e ótimos jogadores. Porém, as representações dessas conquistas são associadas a outros adjetivos. Se na representação mítica de futebol brasileiro a alegria e a malemolência aparecem com protagonismo, na representação mítica de futebol gaúcho campeão da América as características singularizantes são os elementos viris de força, coragem, garra e bravura. Os gaúchos campeões da América são representados como homens, indivíduos do gênero masculino, construídos como “machos”, com todas as caracterizações positivas e negativas que o termo carrega em sua historicidade.

Referências

- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo, 2002.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOTELHO, André Ricardo Maciel. Da geral à tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória Social dos Esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 313-335.
- BRANCO, Celso. Os papéis sociais do futebol brasileiro revelados pela música popular (1915-1990). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória Social dos Esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 187-227.
- BUENO, Wilson da Costa. Chutando pra fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: José Carlos Marques; Sérgio Carvalho; Vera Regina T. Camargo. (Org.). **Comunicação e esporte-tendências**. 1 ed. Santa Maria: Editora Pallotti, 2005, v. 1, p. 13-27.
- COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória Social dos Esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: Faperj, 2006, p. 229-257.
- DAMO, Arlei Sander. O *ethos* capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p.39-72.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed.,2001, p. 7-34.

Macho, Corajoso e Bravo: a construção de sentidos sobre o futebol campeão da América, pelo jornalismo esportivo no Rio Grande do Sul

MACIEL, Maria Eunice. A atualização do passado. In: RECZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Orgs.). **RS: 200 anos definindo espaços na história nacional**. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 191-205.

MARQUES, José Carlos. O estigma de ser jornalista esportivo: a discriminação do profissional de esporte na imprensa brasileira. In: **XXVI Congresso da Intercom**, 2003, Belo Horizonte/MG. Anais do XXVI Congresso da Intercom. São Paulo: Intercom, 2003, p. 1-13.

OLIVEN, Ruben George. O processo de construção da identidade gaúcha. In: RECZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (Orgs.). **RS: 200 anos definindo espaços na história nacional**. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 163-190.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. (Orgs.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 45-67.

